10. Por uma poesia para a infância

Neide Luzia de Rezende
Gabriela Rodella de Oliveira

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

REZENDE, N.L., and OLIVEIRA, G.R., Por uma poesia para a infância. In: SILVA, M.C., and BERTOLETTI, E.N.M., orgs. *Literatura, leitura e educação* (online). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2017, pp. 257-279. Pesquisa em educação/ Práticas de leitura e escrita series. ISBN 978-85-7511-497-1. Available from: doi: [10.7476/9788575114971.0011](https://doi.org/10.7476/9788575114971.0011). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/5gg44/epub/silva-9788575114971.epub>

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

10

Por uma poesia para a infância

Ninfa Parreiras

Sabemos, por meio da cultura clássica greco-romana, da qual herdamos a literatura, que os primeiros escritos literários foram feitos sob a forma poética, a exemplo de *Iliada* e *Odisseia*, de Homero. Desse modo, o surgimento da poesia coincide com o da literatura.

A poesia não está presente somente nas produções clássicas e consideradas letradas, mas também nas produções de origem popular, como a literatura de cordel, os acalantos, as letras de canções da música popular brasileira, surgindo, muitas vezes, na contramão da cultura, como uma forma de protesto.

A ciência inteira
Acabava de concluir
Que o universo nunca
Parou de se expandir
Que seres extraterrestres
São inteligentes mestres
Que um dia hão de vir...
(Santa Helena, 2003, p. 5)

Nem tudo que está escrito em versos é poesia. Não bastam as estrofes e as rimas. É necessário algo mais, que vá além, que traga ritmo, melodia, tristeza ou riso, uma sonoridade própria. Uma nova linguagem que alguns poetas conseguem criar, uma língua visual e sonora.

Afinando o violino

Todo Lino

Viofino

Toco vio

Fonolino

Vio toco

Linofino

Toco fino

Violino

(Caparelli, 2003, p. 106)

Os poemas têm uma linguagem sintetizada, aglutinada, híbrida e simbólica, como a do sonho. A criação poética e a criação onírica falam a língua de nosso inconsciente, as coisas de um mundo com sentidos pouco lógicos e racionais. A poesia também tem uma aproximação com o sagrado, no sentido de ambos nos colocarem em contato com o sublime, o inexplicável.

Se Monteiro Lobato, em 1922, com a obra *A menina do narizinho arrebitado* (hoje publicada como *Reinações de Narizinho*), inaugura uma obra em prosa com feições nacionais e também povoada de fantasia, Cecília Meireles, em 1964, traz em *Ou isto ou aquilo* o que pode ser considerado a primeira obra em versos com o uso de ludicidade e de imaginação. O grande talento de Cecília é a quebra dos padrões morais. Seus poemas brincam com as palavras, com as coisas, com as formas, e fogem de ensinamentos.

Em primeiro lugar, vamos falar dos poetas que vieram antes dela. Henriqueta Lisboa, com seu *O menino poeta*, de 1943, faz um belo uso de metáforas e de imagens. Mas ainda não rompe com o compromisso moral e cívico, uma marca do final do século XIX (a exemplo de Olavo Bilac).

O menino poeta
não sei onde está.
Procuró daqui
Procuró de lá

Tem olhos azuis
ou tem olhos negros?
Parece Jesus
ou índio guerreiro?

Tra-la-la-la-li
tra-la-la-la-la

Mas onde andará
que ainda não vi?
Nas águas de Lambari,
nos reinos do Canadá?
Estará no berço
brincando com os anjos,
na escola travesso
rabiscando bancos?

O vizinho ali
disse que acolá
existe um menino
com dó dos peixinhos.
Um pescou por pescar
um peixinho de âmbar
coberto de sal.
Depois o soltou [...]
(Lisboa, 2003, n.p.)

Boa parte daquela produção provinha de encomenda ou tinha fins educacionais. *O menino poeta* não foi publicado por editora de livros didáticos nem trazia uma apresentação focada em escolas. Mantinha uma voz adulta voltada à infância, que, nos poemas de Henriqueta, ganham vigor estético.

Antes ainda, os poetas Gonçalves Dias e Casimiro de Abreu dedicaram poemas às crianças, incluídos em livros destinados a adultos. Vejam-se os versos de Gonçalves Dias:

Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar — sozinho, à noite —
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,

Onde canta o Sabiá.
(Calcanhoto, 2014, p. 12)

E agora vejamos “A boneca”, de Olavo Bilac:

A boneca
Deixando a bola e a peteca,
Com que inda há pouco brincavam,
Por causa de uma boneca,
Duas meninas brigavam.

Dizia a primeira: “É minha!”
— “É minha!” a outra gritava;
E nenhuma se continha,
Nem a boneca largava.
Quem mais sofria (coitada!)
Era a boneca. Já tinha
Toda a roupa estraçalhada,
E amarrotada a carinha.

Tanto puxaram por ela,
Que a pobre rasgou-se ao meio,
Perdendo a estopa amarela
Que lhe formava o recheio.

E, ao fim de tanta fadiga,

Voltando à bola e à peteca,
Ambas, por causa da briga,
Ficaram sem a boneca...
(Calcanhoto, 2014, p. 22)

De volta a *Ou isto ou aquilo*, observamos o uso de figuras de linguagem, como as metáforas, e elementos que caracterizam a presença de imagens, som e ritmo. Ao ler os poemas, vemos e sentimos as coisas mais simples das quais fala a poetisa: a rua, o colar, a bolha, a morte, a flor...

Jogo de bola

A bela bola
Rola:
A bela bola de Raul.

Bola amarela,
A da Arabela.

A do Raul,
Azul.

Rola a amarela
E pula a azul. [...]
(Meireles, 2004, n.p.)

Cecília propõe uma brincadeira de bolas, nomes e palavras. É o grande valor do poema: ser um brinquedo aos olhos de quem o lê. O leitor sente a bola e vê a imagem de Raul e de Arabela. São coisas aparentemente simples, mas de complexidade estética: uma bola que rola, outra que pula; uma azul, outra amarela... A autora

retoma a beleza das coisas cotidianas e a importância do brincar. O poema, por si só, tem uma musicalidade gostosa. Há um deslocamento provocado pelo jogo sonoro das palavras.

A Arca de Noé, de Vinicius de Moraes, é uma obra clássica. Não por ser antiga, mas porque os poemas são vivos e ficaram no imaginário de muitas gerações. Vinicius capta, com sensibilidade, as características de cada animal, trabalha a sonoridade das palavras e dos bichos e das coisas que explora.

A galinha-d'angola

Coitada
Da galinha-
D'angola
Não anda
Regulando
Da bola
Não pára
De comer
A matraca
E vive
A reclamar
Que está fraca:
— “Tou fraca! Tou fraca”
(Moraes, 2005, p. 37)

Em cada criação, o autor imprime uma marca de simplicidade e de musicalidade. Os versos cantam e ecoam o jogo de palavras. Versos lúdicos, cheios de ritmo e brincadeira. E ainda a presença do jogo, importante para a poesia, que flutua entre o ritmo e a imagem. Trata-se de algo fundamental para a criança, que encontra, no brinquedo e no jogo, uma ponte de comunicação com o mundo.

Nas décadas que se seguiram à obra de Vinicius, surgiram importantes autores de poesia para crianças e adolescentes: Sérgio Caparelli é um deles. Em sua obra *III poemas para crianças*, há uma reunião de poemas que recorrem ao cotidiano, aos bichos e ao tempo:

Manhã

O canto

Do galo

Abre as cortinas

Do dia.

(Caparelli, 2003, p. 134)

José Paulo Paes, além de sua obra para o público adulto, deixou-nos uma produção voltada às crianças. Em *Um passarinho me contou*, ele trabalha a lógica das coisas e o humor é a marca de seu trabalho:

Metamorfose

Me responda você

Que parece um sabichão:

Se lagarta vira borboleta

Por que trem não vira avião?

(Paes, 1996, n.p.)

Elias José, autor de literatura para a infância e a juventude, leu-nos uma obra diversificada com muitos livros de poemas. Em *Disque poesia*, dividido em cinco partes (“Para estes números: teclê”; “Animais: teclê”; “Gente: teclê”; “Tempo: teclê” e “Jogo de palavras: teclê”), o poeta brinca com a contemporaneidade e a ironiza:

o teclar, o disar e o uso de aparelhos eletrônicos. Usa sonoridades e *nonsense*, e brinca com as palavras, os sentidos, os sons e as formas poéticas.

A caligrafia de Dona Sofia, de André Neves, é um belo tratado de poesia. O autor apresenta a história de uma personagem apaixonada pelos versos, uma professora aposentada bastante afetiva. Depois de encher as paredes de sua casa com poemas, ela passa a enviar cartões aos moradores do local. E o que trazem? Poemas! Os versos de vários poetas nacionais e estrangeiros foram citados e desenhados. É um livro que corporifica a poesia. Mostra o movimento dos atos de fazer e ler poesia.

A arte dos versos é importante como expressão do corpo, dos movimentos. Ela habita o território do *nonsense*, do absurdo, do que não tem sentido, e isso nos potencializa, acompanhando nossa vida desde a infância. O bebê é embalado com cantigas que são pequenos poemas folclóricos, os acalantos. Isso faz parte da cultura de muitos países, em especial do Brasil, com uma herança folclórica diversificada, proveniente de povos que nos legaram tantas tradições populares.

Mais tarde, cantigas de roda, trava-língua, quadrinhas, adivinhas, parlendas e outras modalidades de poemas da oralidade são transmitidas às crianças de pouca idade, ora na família, ora na escola. E até mesmo em espaços de socialização: na rua, nas praças e nas áreas de lazer.

Se isso não acontece na vida familiar, há uma perda para a criança em relação ao contato com a musicalidade das palavras. É uma perda da afetividade que um adulto experimenta ao cantar, ao declamar versos para a infância. Os poemas transmitidos pela oralidade trazem o trabalho com as palavras, com peso para a musicalidade dos versos. Interessa brincar com sons e ritmos, o uso de *nonsense* e coisas irracionais, como uma vaca que toma guaraná de canudinho, um vampiro que gosta de açaí, e não de sangue.

Seja lírico, seja bem-humorado, o poema transita em um território de fantasia e sonho. E quem vive sem isso?

Quando a criança vai para a escola, a poesia marca presença em atividades lúdicas, com a recitação de versos, cantigas etc. Há brincadeiras para os grupos de alunos, que lidam com as partes do corpo, o aparecer/desaparecer de objetos e seres. Sons de animais e de fatos da vida cotidiana marcam o emprego da onomatopeia, que muito agrada à criança.

À medida que ela vai crescendo, contudo, há certo distanciamento da poesia. Por que a poesia não faz parte das leituras das famílias? E por que os professores sentem dificuldade de ler poemas para e com as crianças? Adquirem-se muito mais livros em prosa do que em verso para as bibliotecas escolares. Além disso, são poucas as editoras que publicam poesia comercialmente. A maioria das editoras de literatura concentra sua produção em prosa: romances, novelas, contos, crônicas, ensaios etc. E a maioria dos prêmios literários se destina aos romances.

Se seguirmos oferecendo versos às crianças e aos adolescentes, de forma lúdica, sem cobrança, eles vão apreciar. Basta pensar na relação do jovem com o funk, o rap, o samba, o rock. Eles gostam do embalo, do ritmo e da melodia. Isso é importante para a consolidação dos valores identitários, como, por exemplo, a aceitação da mudança na voz, o corpo em crescimento, as alterações na pele e no cabelo. Também é importante para se lidar com as diferenças entre as pessoas e as transformações subjetivas que enfrentamos. A poesia (diferente da prosa) está mais ligada aos sentidos, às percepções, ao lado irracional e inconsciente.

Quando lemos os poemas de Fernando Pessoa e de seus heterônimos, experimentamos algo que nos conecta com os muitos eus que nos constituem. Para o adolescente, esse *brincar* de ser outra pessoa, o jogo de ser ora um, ora outro, é o jogo da própria vida, com suas contradições e ambiguidades. Isso sem falar na

importância do jogo e da brincadeira na vida de uma criança. Ela não viveria sem isso. É por meio do brinquedo que a criança se realiza como pessoa. O tocar, o experimentar, o fazer de conta são experiências que a poesia oferece ao adolescente e à criança.

Para escrever literatura, é necessário convocar a nossa criança. Simbolicamente, é ela quem solta a voz do escritor, que o conecta com a fantasia, o imaginário, o sonho. A escrita literária difere de outras porque nela há características de polissemia, verossimilhança, intertextualidade. Ela é lapidada, não se tratando de uma escritura bruta. Importam a musicalidade, o ritmo, as figuras de linguagem (em especial, as metáforas e as metonímias). O texto não é linear; ele atrai o leitor pela forma, e não pelos conteúdos e assuntos.

A poesia, em especial, é rica em imagens, sonoridades e *nonsenses*, ou seja, é uma livre associação de ideias, desprovidas de ligação semântica ou conceitual. A poesia é uma dança de palavras.

Sigmund Freud (1856-1939), o pai da psicanálise, comparou o poeta à criança. Em um importante trabalho de 1907-8, registra:

Escritores criativos e devaneios:

O escritor criativo faz o mesmo que a criança que brinca. Cria um mundo de fantasia que ele leva muito a sério, isto é, no qual investe uma grande quantidade de emoção, enquanto mantém uma separação nítida entre o mesmo e a realidade. [...] A irrealidade do mundo imaginativo do escritor tem, porém, conseqüências importantes para a técnica de sua arte, pois muita coisa que, se fosse real, não causaria prazer, pode proporcioná-lo como jogo de fantasia, e muitos excitamentos que em si são realmente penosos, podem tornar-se uma fonte de prazer para os ouvintes e espectadores na representação da obra de um escritor (p. 150).

A origem da poesia se aproxima do nascimento da própria linguagem. E para que serve essa arte milenar? Na vida recheada de competição, tecnologia, agilidade nas comunicações, o que leva a poesia a sobreviver? Ela precisa ser lida, declamada. Por que, então, a poesia ainda? Porque ela é alimento. Alento. A poesia nos acolhe em um mundo que valoriza a produção, os números, as aparências. E nos faz olhar para dentro, fazendo-nos calar. Traz um silêncio que nos provoca a associação de imagens e de ideias.

Poética é a arte que estuda a poesia e suas obras, considerando o que elas têm de específico, aquilo que lhes é próprio: o *poético*, o qual, por sua vez, é constituído dos elementos fundamentais do *poema*. O *poético* é a matéria da poesia, é tudo de que ela pode falar e o modo como fala em um poema. O objeto inventado pela poesia é o *poema*, de modo que este vem a ser um artefato, o produto acabado que resulta do fazer artístico. Poema é a obra de arte verbal realizada concretamente.

Ezra Pound (1882-1972), poeta norte-americano, ensinou-nos que existem três elementos fundamentais que podem caracterizar a arte dos versos: a melopeia (o som), a fanopeia (as imagens) e a logopeia (as ideias). Quando a criança escuta um poema, conecta-se, principalmente, com a sonoridade (os sons) e as ideias (fantasias). Os adolescentes e os adultos se conectam com os três elementos apontados por Pound.

No Brasil, temos uma equipe valiosa de poetas que escreveram para crianças: Henriqueta Lisboa, Cecília Meireles, Vinicius de Moraes, José Paulo Paes, Elias José, Sérgio Caparelli, Roseana Murray, Leo Cunha, entre tantos outros. E há ainda os poetas consagrados que nos deixaram um reconhecido acervo também para a infância: Carlos Drummond de Andrade, Ferreira Gullar, Mário Quintana, Manuel Bandeira, Manoel de Barros. Suas obras são alimento para todos nós, que criamos e trabalhamos com língua e literatura. Outros tantos poetas escreveram e eternizaram a poesia: Olavo Bilac,

Castro Alves, Casimiro de Abreu, João Cabral de Melo Neto, Adélia Prado, Cora Coralina, para citar alguns.

Quando escrevemos em versos, não devemos pensar em um leitor, nem em uma coisa específica. Deve-se deixar sair livremente as palavras que chegam, a partir de uma foto, de uma cena, de um ruído fotografado com os sentidos. Em seguida, deve-se fazer uma releitura, passar a limpo, cortar ou substituir palavras. Passado um tempo, outra leitura novamente, agora em voz alta. A familiaridade da poesia com a música precisa ser preservada. Por isso, ao ler poesia, não precisamos entender os poemas, mas sentir os versos.

A obra organizada pelo poeta Leo Cunha, *Poesia para crianças, conceitos, tendências e práticas*, reúne seis artigos de cinco autores sobre a poesia para a infância. O livro traz capítulos autônomos que podem ser lidos separadamente, mas que abordam conteúdos que estão relacionados à poesia na vida da criança. Logo, um capítulo pode completar outro.

A poetisa Ângela Leite de Souza abre o primeiro capítulo com uma reflexão sobre os conceitos de poesia, poético e infantil. Isso pode ser esclarecedor para os professores e educadores, e instigar uma reflexão sobre o fazer poético.

No segundo capítulo, o poeta e professor Carlos Augusto Novais nos dá uma aula sobre aspectos da arte dos versos, como rima, métrica e figuras de linguagem, os elementos constitutivos de um poema. Assim, esclarece o que caracteriza a poesia e a distingue da prosa.

O terceiro capítulo, a cargo do organizador da obra, o escritor Leo Cunha, aborda as dificuldades do livro de poesia no mercado editorial brasileiro. Leo ainda tece comentários sobre as principais manifestações poéticas presentes na produção de nosso país. E indaga: Por que é difícil publicar textos em versos? Como a escola é a grande compradora de livros para a infância e a juventude, existem certos

obstáculos no trabalho com os versos. Isso porque, com frequência, espera-se que o aluno entenda e interprete o poema, o que se revela uma tarefa quase impossível. A poesia não serve para isso, mas para ser desfrutada sem muitas explicações.

O Capítulo 4, assinado pela poetisa Glaucia de Souza, traz algumas atividades a serem realizadas em sala de aula. Souza defende três pilares para o trabalho: percepção, discussão e criação. Ou seja, a poesia não é para ser interpretada, mas para ser vivida com leitura e sensibilidade.

Os dois últimos capítulos, de autoria da professora Maria Antonieta Cunha, trazem um olhar sobre a prática. Por um lado, ela propõe alternativas para o professor aprofundar a relação com o texto poético. Por outro, apresenta critérios para se selecionarem as obras de poesia. Não são as rimas que unicamente caracterizam a poesia. Escolher um livro de poemas demanda reconhecer, nos versos, as imagens, os sons e um rol de associações sensitivas.

A primeira obra publicada exclusivamente sobre poesia infantil de uma estudiosa brasileira de que temos notícia é *Poesia infantil*, da professora gaúcha Maria da Glória Bordini, publicada em 1986. Sucinto, o livro introduz o leitor no mundo da poesia para a infância. Foi uma referência para estudantes de Letras e Pedagogia por muito tempo, bem como para professores, educadores e mediadores de leitura, além de escritores e poetas.

Em 2002, foi publicado o livro *Poesia infantil: o abraço mágico*, da catarinense Eloí Elisabete Bochecho. Com menos divulgação, infelizmente, essa obra não se tornou tão conhecida nem no meio acadêmico, nem no meio escolar. Sua leitura é válida por se tratar de obra de referência na área da poesia infantil, ao colocá-la no patamar de reconhecimento da prosa. Também em 2002, tivemos a publicação *A poesia na escola: leitura e análise de poesia para crianças*, livro organizado por Ana Elvira Gebara. O destaque des-

sa obra é o estudo feito sobre a obra do poeta José Paulo Paes, que nos deixou poemas de qualidade estética para a infância.

Em seguida, em 2003, o poeta mineiro Elias José publicou *A poesia pede passagem: um guia para levar a poesia às escolas*. Com muita afinidade com a poesia, uma vez que Elias publicou dezenas de livros com poemas para crianças, jovens e adultos, sua obra transita com informalidade na escola. Derruba certos padrões, como, por exemplo, o de utilizar a poesia para ensinar gramática, e propõe o uso menos didático dos versos. Na cidade onde Elias morou, Guaxupé, foi criado o Instituto Cultural Elias José, por Silvia Monteiro (sua viúva). Trata-se de um espaço aberto para receber escolas, grupos e desenvolver atividades de leitura voltadas a crianças. Assim, a poesia desse consagrado autor, falecido em 2008, continuará a ser lida e conhecida por muitas gerações.

Em 2007, o professor Hélder Pinheiro sistematizou, em *Poesia na sala de aula*, uma série de sugestões de atividades com os versos, de jogos dramáticos a varais poéticos.

Neusa Sorrenti, compositora e poetisa, publicou, em 2010, *A poesia vai à escola: reflexões, comentários e dicas de atividades*, obra com reflexões e sugestões para o trabalho com versos na escola.

Em 2011, Gloria Kirinus publicou *Synthomas de poesia na infância*. Nessa obra, a criatividade da criança, tão comprometida na contemporaneidade, é discutida pela autora, que propõe a poesia para aguçar o senso de sensibilidade e de criação na infância.

Com isso, percebemos que a poesia foi abordada, pontualmente, em alguns livros de referência, ao passo que existem centenas de livros que discutem a prosa destinada a crianças. Com certa dificuldade, temos um livro dedicado exclusivamente a esse gênero. Nesse contexto, a obra organizada por Leo Cunha representa um marco na história da literatura infantil brasileira. Vencedora do Prêmio de Livro Teórico da Fundação Nacional do Livro Infantil

e Juvenil (FNLIJ) em 2013, essa obra foi adquirida pelo governo federal para o PNBE do Professor 2013, sendo distribuída nas escolas públicas de todo o país.

Sem dúvida, precisamos de estudos de e sobre poesia infantil que possam ser publicados e divulgados nas escolas e nas instituições educacionais e culturais, bem como às famílias. Além disso, é preciso que os estudos acadêmicos possam igualmente ser conhecidos pelos profissionais que lidam com as crianças. Afinal, a poesia traz possibilidades de entretenimento, de jogo, de associações e de contato com o não explicável, com o não racional que caracteriza nossa vida.

Em relação à poesia lida e escrita pelo adolescente e pelo jovem, observamos amplo interesse desses grupos pela poesia marginal que despontou nos anos 1970 e que está sendo revitalizada na contemporaneidade.

O mimeógrafo era uma espécie de impressora que usava papel estêncil e álcool para reproduzir as cópias. Isso ficava mais em conta do que publicar um livro em gráfica, além de traduzir um sentimento de contramão da cultura, do fazer artesanal, transgressor. Algo avesso ao capitalismo selvagem e ao autoritarismo, que já caracterizavam aqueles tempos. Assim, os poetas criavam seus livros manualmente e os vendiam, de mão em mão. Essa poesia nasceu na rua, nas praças, na PUC-Rio, no Baixo Leblon, nos bares. No Rio de Janeiro e em muitas outras cidades. Cada livro feito à mão era impresso em poucas cópias. Foi um movimento que trazia a língua falada, a informalidade, o pensamento não organizado para a poesia. Do Rio de Janeiro, podemos citar Ricardo Chacal e Ana Cristina Cesar. De Minas Gerais, Cacaso e Francisco Alvim. Em seguida, vieram poetas de outras partes do país, como, por exemplo, Paulo Leminski, de Curitiba.

Ana Cristina Cesar chegou com uma intimidade surpreendente a esse cenário. Era a Ana Cristina C, um nome muito carioca.

Parece que estamos no quarto com ela lendo os poemas, as cartas, os diários. Temos a impressão de que há uma narrativa por trás de cada poema. É tudo bem simples, um entrar nos rascunhos, no fazer, algo na pele do papel, no esqueleto da tinta e do lápis. E também certo atrevimento com a escrita:

(sem título)

Quando entre nós só havia
uma carta certa
a correspondência
completa
o trem os trilhos
a janela aberta
uma certa paisagem
sem pedras ou
sobressaltos
meu salto alto
em equilíbrio [...]
(Cacaso et al., 2006, p. 21)

Ana Cristina escrevia coisas que imaginamos pensadas, e não escritas. Nossos sentimentos ficam traduzidos ali, sem conjunções. A identidade, o acaso, a tentativa de um descobrir-se. Veio, então, Cacaso, de Minas Gerais, com algo peculiar às lembranças. Brincava com os sons, com a polissemia, com delicadeza poética. Um desdobrar-se em segredos e intimidades, sentimentos que não damos conta de entender. Sua vida foi breve como sua poesia. Ela expunha uma memória afetiva em seus versos. Amor e humor juntos. Um sopro lírico:

(sem título)

Se o porco é espinho

caço e asso

se o corpo é sozinho

traço e passo

(Cacaso et al., 2006, p. 22)

E o Leminski? Sua poesia trazia formas concisas, a precisão. E desenhos, imagens feitas com/de palavras:

(sem título)

aqui

nesta pedra

alguém sentou

olhando o mar

o mar

não parou

pra ser olhado

(Leminski, 2014, n.p.)

De vocabulário comum, parecia ir fundo no avesso e na roupagem das palavras: as novas e as velhas. Revestia-as de beleza sonora, de um sem-número de sentidos. Irreverência e surpresa a cada verso. A poesia dele renasce a cada leitura.

Após, veio Francisco Alvim. Seus versos traçavam um painel da sociedade da época. Um brincar com palavras. Um falar, desfalar, desfolhar, pelo olhar lírico:

Discordância

Dizem que quem cala consente
eu por mim
quando calo dissinto
quando falo minto
(Cacaso et al., 2006, p. 49)

Com o Chacal, chega uma poesia irônica, irreverente e pop. Seus versos chegam a desconcertar o leitor, com uma velocidade musical que fala da poesia associada às coisas mais banais.

Rápido e rasteiro

vai ter uma festa
que eu vou dançar
até o sapato pedir pra parar.
aí eu paro, tiro o sapato
e danço o resto da vida
(Chacal, 2007, p. 353)

Chacal é imortal. Criou e organizou saraus e vários movimentos com a poesia no Rio e pelo Brasil, como, por exemplo, CEP 20.000 e Nuvem Cigana. Organizou revistas e tem lutado pela poesia, com a poesia. Escreveu muitos poemas para leitores de todas as idades. Sua criação poética pedala, brinca e passeia por objetos, ruas, pessoas, acontecimentos... Ele costuma tomar um acontecimento cotidiano e transformar a experiência em poesia, questionando a nossa existência:

Meio assim

tava atrasado.
o metrô ia sair.
corri.
a porta se fechou.
metade de mim foi.
outra ficou.

uma que já era,
ficou mais ensimesmada.
olhando o relógio.
falando no celular.

a outra, tagarela,
levantava leviana
a saía das moças,
uivando intempestiva. [...]
(Chacal, 2012, p. 28)

As redes sociais, a política, um dia bonito de sol, até mesmo o Facebook, tudo isso está em seus versos. O poeta brinca, faz pensar. Cutuca o que parece ser aceito pelos padrões convencionais. A informalidade, a musicalidade, as gírias, a escrita feita como a fala, o uso de minúsculas, as abreviações: *vc*. Uma reprodução direta da fala, sem exageros ou rebuscamentos. Uma poesia na contraordem: a letra minúscula para iniciar o verso.

Na atualidade, o rap e os saraus de poesia/música têm movimentado bastante a expressão cultural dos jovens. Assim, eles postam versos nas redes sociais, apresentam-se em eventos abertos ao público, com desafios (palavras/temas), e escrevem em letras minúsculas, com bastante informalidade, na língua coloquial.

As coisas que importam são a sonoridade, o ritmo e a cadência presentes nos versos. O protesto, a opção por uma vida simples e um olhar sobre grupos minoritários caracterizam essa criação tão intimista que está em curso nos colégios e nas faculdades. Seguem alguns versos não publicados em livro, mas postados no Facebook:

fui escrever pro noticiário
 mas tinha papel não
 de um salário precisava
 eu não tinha papelão
 ter arma não te faz bandido
 só te faz mais um réu
 vejo muitos querendo isso
 sem precisar, tu já tem papel...
 a condição de vida condiciona
 muitos, outros condicionados
 a ser cópias apenas
 somos seres sem lógica
 ar-condicionado do busão parece europa
 sem síndrome de vira lata, amo meu país
 tem uns virando lata e não respeita raiz
 não sabe viver, troca de fase
 a vida não é um jogo, mas quem sabe jogar
 cresce tipo metástase
 de dia corrigindo minhas frases
 não sei onde tem crase
 entenda: cópia não é paráfrase
 diariamente vivendo o horror
 tenho um diário na minha mente, isso me causa dor
 arranjo problemas semanalmente e não sei o causador

toda semana ela mente, sinto pena do namorado
 me ajuda, doutor, a dor não para de me namorar
 eu sou namorado, sô namorado, sô...
 (Ícaro Parreiras, não publicado)

A linguagem mágica e o despojamento das palavras na poesia contemporânea retomam os ideais de busca de liberdade e de protesto aos padrões impostos de décadas atrás. Os versos mostram o avesso, deboçam da realidade e reinventam formas de existência que valorizam a subjetividade, além de reforçarem o valor da literatura como arte das palavras. O espaço da poesia como expressão lúdica da fantasia, como corpo de contestação e de transgressão aos padrões normativos. A poesia sobrevive ao capitalismo, ao descarte exacerbado dos bens de consumo, permanecendo como uma arte a ser reinventada na esquina, na praça, na escola, em casa. A arte das palavras e dos sons.

Referências

- BOCHECO, Eloi Elisabete. *Poesia infantil: o abraço mágico*. Chapecó: Argos, 2002.
- BORDINI, Maria da Glória. *Poesia infantil*. São Paulo: Ática, 1986.
- CACASO et al. *Poesia marginal*. São Paulo: Ática, 2006, v. 39. (Para gostar de ler).
- CALCANHOTTO, Adriana. *Antologia ilustrada da poesia brasileira para crianças de qualquer idade*. Ilustrações da autora. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014.
- CAPARELLI, Sérgio. *III poemas para crianças*. Ilustrações de Ana Gruszynski. Porto Alegre: L&PM, 2003.
- CHACAL. *Belvedere*. São Paulo: CosacNaify, 2007.
- _____. *Murundum*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2012.
- CUNHA, Leo (org.). *Poesia para crianças, conceitos, tendências e práticas*. Curitiba: Piá, 2012.

- FREUD, Sigmund. "Escritores criativos e devaneios". In *Obras psicológicas*. Rio de Janeiro: Imago, 1988, v. IX.
- GEBARA, Ana Elvira (org.). *A poesia na escola: leitura e análise de poesia para crianças*. São Paulo: Cortez, 2002.
- JOSÉ, Elias. *A poesia pede passagem: um guia para levar a poesia às escolas*. São Paulo: Paulus, 2003.
- _____. *Disque poesia*. Ilustrações de Angelo Abu. Belo Horizonte: Compor, 2008.
- KIRINUS, Gloria. *Synthomas de poesia na infância*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- LEMINSKI, Paulo. *O bicho alfabeto*. Companhia das Letrinhas, 2014.
- LISBOA, Henriqueta. *O menino poeta*. São Paulo: Global, 2003.
- LOBATO, José Bento Monteiro. *Reinações de Narizinho*. Ilustrações de Manoel Victor Filho. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- MEIRELES, Cecília. *Ou isto ou aquilo*. Ilustrações de Thaís Linhares. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- MORAES, Vinícius de. *A Arca de Noé*. Ilustrações de Nelson Cruz. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2004.
- MURALHA, Sidônio. *A televisão da bicharada*. Ilustrações de Fernando Lemos. Rio de Janeiro: Nórdica, 1962.
- NEVES, André. *A caligrafia de Dona Sofia*. Ilustrações de André Neves. São Paulo: Paulinas, 2006.
- PAES, José Paulo. *Um passarinho me contou*. Ilustrações de Kiko Farkas. São Paulo: Ática, 1996.
- PARREIRAS, Ícaro. *Poema não publicado*. Disponível em: <https://www.facebook.com/icaro.guimaraes.56>. Acesso em 11 jul. 2017.
- PINHEIRO, Hélder. *Poesia na sala de aula*. Campina Grande: Bagagem, 2007.
- POUND, Ezra. *O ABC da literatura*. São Paulo: Cultrix, 1970.
- _____. *A arte da poesia; ensaios escolhidos*. São Paulo: Cultrix, 1988.
- SANTA HELENA, Raimundo. *O menino que viajou num cometa*. Xilogravuras de Erivaldo. Rio de Janeiro: Entrelinhas, 2003.
- SORRENTI, Neusa. *A poesia vai à escola: reflexões, comentários e dicas de atividades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.